

# O ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES DE CAUSALIDADE SOB A PERSPETIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Joana Aguiar

CEHUM – UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL

ijoana.aguiar@gmail.com

DOI: <https://dx.doi.org/10.21814/diacritica.33>

O presente trabalho insere-se no domínio da variação sintática e tem como objetivo promover a discussão em torno da importância das variáveis sociais na interpretação dos dados linguísticos. Partindo do pressuposto de que a mesma relação semântica pode ser estabelecida através de diferentes estruturas sintáticas, são analisados os mecanismos de conexão frásica que permitem o estabelecimento da relação de causalidade. Seguindo as propostas de Schiffrin (1987), Sweetser (1990), Paiva e Braga (2010), propõe-se a tripartição da noção de causalidade em: causa real, causa explicativa, e causa interacional. Esta divisão é motivada por três fatores: tipologia de ato de fala envolvido (assertivo / não assertivo), tipologia de relação estabelecida (asserida ou pressuposta), e domínio de atuação (domínio do conteúdo, domínio epistémico e domínio ilocutório/interacional).

Os resultados da análise revelam que as relações de causa explicativa são as mais frequentes, independentemente do *corpus* em análise. Quando observamos os dados para o cruzamento das variáveis sociais, constata-se que a variável *grau de escolaridade* influencia a ocorrência da relação de causalidade: informantes com mais anos de escolaridade tendem a estabelecer mais frequentemente relações de causa explicativa.

**Palavras-chave:** sociolinguística; relações de causalidade; variáveis sociais.

This paper falls under the domain of syntactic variation, and aims at promoting discussion on the role of social variables in the interpretation of linguistic data. Assuming that the same semantic relation may be established by means of different syntactic structures, it is proposed an analysis of the mechanisms of clausal connection that establish a causal relation. Following the work of Schiffrin (1987), Sweetser (1990), Paiva (1991, 1996), Paiva and Braga (2010b), a tripartite distinction

of causal relations is established: real cause, explicative cause, and interactional cause. This categorization takes three factors into consideration: the typology of speech acts involved (assertive / non assertive), the typology of the relation established (assertion or presupposition), and its domain (content, epistemic, and illocutionary/interactional).

The results of the analysis show that explicative causal relations are the most frequent type of causal relation regardless of the *corpus* under analysis. When we observe the influence of social variables, it is noticeable that *level of formal education* influences the occurrence of causal relations: informants with more years of formal education tend to establish explicative causal relations more often.

**Keywords:** sociolinguistics; causal relations; social variables.

## Introdução

Apesar de as relações de causalidade estarem descritas para o português, são ainda insuficientes os trabalhos sobre a sua frequência de ocorrência e sobre a influência das variáveis sociais. Assim, é objetivo do presente trabalho observar o papel das variáveis *escolaridade, idade e género* na frequência e no padrão de ocorrência das relações de causalidade e no tipo de estrutura sintática utilizado no estabelecimento da relação de causalidade. Este trabalho tenta, assim, colmatar a ausência de estudos sobre o português europeu no campo da variação linguística, mais especificamente no domínio da variação sintática. Assim, partindo do pressuposto de que “uma mesma relação semântica pode ser codificada por diferentes estratégias sintáticas” (Braga, 2001, p. 25), entende-se que o estudo da variação sintática ao nível das conexões frásicas é possível nos casos em as estruturas em análise são comparáveis do ponto de vista semântico (Winford, 1996; Cheshire, 1987, 2009; entre muitos outros).

Neste trabalho, é observado de que forma o tipo de estruturas frásicas que permitem o estabelecimento da relação de *causa* varia de indivíduo para indivíduo e qual é o papel dos fatores sociais na frequência e no padrão de ocorrência destas estruturas. Parte-se, assim, do pressuposto de que a escolha dos mecanismos de conexão frásica pode ser condicionada por fatores externos, como a escolaridade do informante, o género e a idade.

## 1. As relações de causalidade

Tendo em consideração os domínios de atuação da relação de causalidade, a tipologia de relação estabelecida, e o tipo de ato de fala envolvido, argumenta-se a favor da tripartição da noção de causalidade (cf. Quadro1). Neste sentido, é proposta a subclassificação da relação de causalidade em: causa real, causa explicativa, e causa interacional. Esta proposta encontra eco no postulado por Schiffrrin (1987), Sweetser (1990), Paiva (1991, 1996), e Paiva & Braga (2006, 2010).

Quadro1 – Relações de causalidade: tipo de relação estabelecida e domínios da significação

Relação de Causalidade	Ato de fala	Tipologia da relação estabelecida	Domínio de atuação
Real	assertivo	asserida	Conteúdo
Explicativa	assertivo	pressuposta	Epistémico
Interacional	não assertivo	pressuposta	Ilocutório/ Motivacional

### 1.1 Relação de Causa real ou do domínio do conteúdo

Esta relação é também denominada de *causa direta* (Lobo, 2003), *causa propriamente dita* (Lopes, 2004) ou *causa do conteúdo* (Sweetser, 1990; Silvano, 2010), entre outras designações.

Numa relação de *causa real*, ou do domínio do conteúdo, é estabelecido um nexos de causalidade direta entre o conteúdo de duas proposições (Lopes, 2005). Observe-se o seguinte exemplo:

- (1) <sub>A</sub>O João escorregou <sub>B</sub>porque o chão estava molhado.

No exemplo acima, A é uma consequência possível ou necessária de B (a causa). Para além disso, tanto A como B são necessariamente relevantes para o estabelecimento de uma relação de causa e estão relacionados num determinado espaço temporal. O que distingue a causa real das demais é o facto de a relação entre as duas proposições ser sempre asserida (Lopes, 2004), quer esta seja estabelecida através de estruturas paratáticas ou atra-

vés de estruturas hipotáticas. Mais especificamente, o locutor assera que o que causou a queda do João foi o facto de o chão estar molhado (e não outra situação qualquer).

Estudos de processamento e aquisição, revelam, ainda, que, as relações de causa real exigem um menor esforço cognitivo e, como tal, são mais facilmente processadas (Noordman & Blijzer, 2000), uma vez que a relação estabelecida é asserida.

## 1.2 Relação de causa explicativa ou do domínio *epistémico*

Numa relação de causa explicativa ou do domínio *epistémico* (Sweetser, 1990), o locutor articula duas proposições (Lopes, 2005), sendo uma delas apresentada como o motivo ou a explicação que sustenta uma dedução lógica ou um raciocínio inferencial. Ao contrário do que se verifica na relação de causa real, em que a relação entre as duas proposições é asserida, numa relação de causa explicativa a relação é pressuposta. Deste modo, a relação de causa explicativa atua no domínio epistémico, na medida em que a articulação entre duas proposições é estabelecida a partir do conhecimento, das crenças e da avaliação do locutor (Neves, 2000). O conhecimento que temos do mundo permite-nos estabelecer uma causa indireta entre A e B (normalmente B propicia A). Mais especificamente, no estabelecimento da relação de causa explicativa, há a ativação de uma terceira premissa que não está explícita no discurso (Lopes, 2009). A presença de uma terceira premissa implícita é clara no exemplo seguinte:

(2) <sub>A</sub> Está a trovoar, <sub>B</sub> porque já vi um relâmpago.

O conhecimento que temos dos padrões dos fenómenos naturais permite-nos extrair a premissa omitida em (2) - um relâmpago é normalmente seguido de trovão - e inferir que vai trovoar a partir do facto de o locutor ter visto um relâmpago.

A partilha do conhecimento do mundo e a coerência entre o conteúdo expresso nas proposições conectadas são particularmente relevantes quando a relação de causa explicativa é estabelecida através de justaposição (Hopper & Traugott, 2003, p. 80). A ausência de um conector que marque explicitamente o tipo de relação a ser estabelecido exige que o interlocutor infira que a segunda unidade de informação (B) é uma explicação para o mencionado anteriormente (A).

É exatamente no sentido em que é construída no discurso, a partir do conhecimento que o locutor e o interlocutor partilham, que a relação de causa explicativa é também denominada de relação *subjativa* (Stukker & Sanders, 2011). Por esta razão, no estabelecimento de uma relação de causa explicativa estão normalmente envolvidos modalizadores do discurso que evidenciam a noção de possibilidade(1), tais como verbos ou advérbios modais ou avaliativos (Lopes, 2009, 2012).

O conhecimento que temos do mundo e a percepção dos acontecimentos permite-nos interpretar e legitimar o ponto de vista do locutor. Por esta razão, a relação de causa explicativa situa-se, segundo Lopes (2005, p.5), no *domínio interpessoal da significação*.

### 1.3 Relação de causa interacional

A relação de causa interacional, assim como a de causa explicativa, porque centrada no falante e no processo de comunicação, opera ao nível interpessoal. Para além disso, também na causa interacional a relação é estabelecida através de um mecanismo de inferência. Por fim, a causa interacional partilha com a causa explicativa o domínio de atuação: em ambas as tipologias de causalidade, a relação é estabelecida no domínio epistémico. Tendo em consideração os aspetos que partilham, alguns autores consideram que a causa explicativa e a causa interacional fazem parte da mesma tipologia de relação de causalidade.

Numa relação explicativa, a relação é estabelecida entre o conteúdo dos termos conectados, na medida em que o conteúdo de uma oração explica o expresso na outra oração, ao passo que numa relação de causa interacional a relação é estabelecida com o ato de fala em si e não o conteúdo do mesmo, estando envolvido um ato de fala não assertivo. Mais especificamente, um dos termos da relação tem como função justificar ou legitimar a enunciação do outro termo da relação, impelindo o outro à tomada de decisão ou atenuando o conteúdo do ato de fala expresso.

Observem-se os seguintes exemplos:

- (3) <sub>A</sub> Desliga o aquecimento, <sub>B</sub> porque está aqui muito calor.
- (4) <sub>A</sub> Vai estudar, <sub>B</sub> porque amanhã tens teste.

---

(1) A presença de modalizadores pode ocorrer quer na unidade que expressa a conclusão/explicação quer na unidade que expressa a afirmação.

Nos exemplos acima, um dos elementos da conexão é um ato de fala não assertivo (A). A enunciação dos atos de fala diretivos *vai estudar* e *desliga o aquecimento* são justificados pelas estruturas em (B): *porque está aqui muito calor* e *porque amanhã tens teste*, respetivamente. É igualmente possível estabelecer uma relação de causa interacional com outras tipologias de ato de fala. A este propósito, observem-se os seguintes exemplos:

- (5) Despeço-te! Não posso tolerar o desvio de dinheiro.
- (6) Prometo que te devolvo o dinheiro. Porque eu até já tenho um emprego em vista.
- (7) Que chatice ter o carro rebocado! É que não me apetece nada ir a pé até ao depósito e ainda por cima pagar a multa.

Em todos estes exemplos é estabelecida uma relação de causa interacional, envolvendo atos de fala não assertivos. Mais concretamente, no exemplo (5) a frase *Não posso tolerar o desvio de dinheiro* suporta a enunciação do ato de fala declarativo. Em (6), o facto de o locutor já ter um emprego em vista é expresso como a justificação para a enunciação do ato de fala compromissivo *Prometo que te devolvo o dinheiro*. Finalmente, no exemplo em (7), a relação de causa interacional é estabelecida entre um ato de fala expressivo e uma frase justaposta que expressa os motivos pelos quais o locutor considera que é uma chatice ter o carro rebocado.

Uma das características mais saliente da relação de causa interacional é o facto de a oração com a qual o ato de fala está relacionado ter uma função de meta-justificação, estando muitas vezes antecedida de atos de fala diretivos, sob a forma de ordens ou pedidos (Sweetser, 1990):

- (8) Vai-me buscar um copo de água. Estás de pé e tudo.

Este tipo de relação distingue-se das de causa real e explicativa por, em alguns casos, impelir o alocutário à ação ou à tomada de decisão. Por esta razão, esta relação é também descrita como *motivacional* (Schiffrin, 1987). A função desta estrutura não é estabelecer nenhuma relação entre o conteúdo das unidades informacionais, mas entre os valores pragmáticos das unidades de informação.

No exemplo em (8), o uso do imperativo coloca o locutor numa posição de poder em relação ao alocutário. A estrutura que introduz a justificação para a ordem ou pedido tem como função atenuar o carácter deontico da ordem. Embora muitas vezes se associe a relação de causa interacional às estruturas formadas por um verbo jussivo, isto não significa que estas relações de causa envolvam sempre uma oração do tipo imperativo ou interrogativo. Os seguintes exemplos mostram que a relação pode ser estabelecida entre duas asserções:

(9) Já que estás de pé, apetecia-me um copo de água.

(10) Apetecia-me um copo de água. Estás de pé e tudo.

Nestes casos, a relação é estabelecida entre uma unidade de informação com uma força ilocutória independente da forma locutória e uma unidade de informação que funciona como um mecanismo de cortesia. O alocutário terá de reconhecer que a frase *apetecia-me um copo de água* é um ato de fala indireto<sup>(2)</sup> e corresponde a um pedido ou a um ato perlocutório. Neste sentido, o locutor não dirige uma ordem ou pedido explícito ao alocutário, sendo este responsável pela interpretação da frase como sendo um pedido a executar. Os exemplos acima podem ser interpretados da seguinte forma: *estou a pedir-te para me trazeres um copo de água, porque estás de pé (e eu sentada) e assim eu não preciso de me levantar*. Tanto *já que estás de pé* (exemplo (9)) como *estás de pé e tudo* (exemplo (10)) têm como função não só justificar ao enunciado anterior e impelir à ação (Schiffirin, 1987) mas também “atenuar a ordem”, no sentido de esta ser acarretada (Paiva & Braga, 2010, Lopes, 2012). No exemplo (10), esta característica é ainda mais evidenciada pelo uso do *general extender* “e tudo”. De ressaltar que as causais interacionais não possuem apenas um carácter mitigador, podendo também funcionar como *agravadoras da ordem* (Blum-Kulka et al., 1989), como ilustra o seguinte exemplo:

(11) Vais terminar os trabalhos de casa antes de ires brincar. Porque sou tua mãe e te estou a mandar.

(2) De acordo com Searle (1975, pp. 60-61), “In indirect speech acts the speaker communicates to the hearer more than he actually says by way of relying on their mutually shared background information, both linguistic and nonlinguistic, together with the general powers of rationality and inference on the part of the hearer.”

## 2. Metodologia

A Sociolinguística Variacionista explora não só a ação dos factores sociais mas também os mecanismos linguísticos que regem os processos de variação e mudança (Schilling-Estes, 2002). Tendo em consideração os objectivos deste trabalho, o modelo variacionista de recolha e tratamento de dados linguísticos é o mais ajustado. Para além disso, ao adoptar uma visão variacionista, este trabalho visa contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre a influência dos aspectos sociais no desempenho linguístico. Apesar do crescente interesse em fenómenos de variação, de uma forma geral, há ainda uma carência de trabalhos baseados em *corpora* estratificados, principalmente em português europeu, o que dificulta a comparação e a generalização dos resultados.

O estudo da variação sintáctica ao nível das conexões frásicas, um dos objetivos do presente trabalho, é apenas possível se as estruturas em análise forem comparáveis ou equivalentes do ponto de vista semântico (Cheshire, 2009; entre muitos outros). Assim, tendo em consideração o enquadramento teórico do presente trabalho e partindo do pressuposto de que uma dada relação semântica pode ser veiculada através de diferentes estruturas sintáticas (Lopes, 2005), os valores de causalidade (real, explicativa e interacional) serão tomados como uma variável com diversas representações sintáticas possíveis (as variantes).

Tendo como objeto de estudo os mecanismos de conexão frásica que permitem estabelecer relações de causalidade, optou-se por recolher textos de carácter argumentativo-expositivos, por se entender que ao elaborar um texto com características argumentativas, o informante apresenta diferentes argumentos que conduzem a uma conclusão, normalmente com efeito persuasivo, no sentido de o outro adoptar ou rejeitar determinada posição. Esta escolha textual favorece, assim, a ocorrência de estruturas que estabelecem relações de causalidade.

### 2.1 Corpora em análise

Os *corpora* em análise são compostos: (i) por textos redigidos a pedido por informantes adultos e não adultos, mediante tarefas controladas; e (ii) por textos recolhidos da blogosfera, redigidos apenas por falantes adultos

Os informantes são falantes nativos do português europeu, estratificados de acordo com o género, o nível de escolaridade e a idade.

Tabela 1 – Relação de informantes e textos do *corpus A*.

Escolaridade	1CEB		2CEB		3CEB				Secundário				Superior				Total				
Idade	< 10		10 - 12		13 - 15		20 - 40		> 40		16 -19		20 - 40		> 40		20 - 40	> 40			
Gênero	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	
Informantes	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	<b>60</b>
Total textos	12		12		12		12		12		12		12		12		12		12		<b>120</b>

Tabela 2 - Relação de informantes e textos do *corpus B*

Escolaridade	Secundário				Superior				Total
Idade	20 - 40		> 40		20 - 40		> 40		
Gênero	F	M	F	M	F	M	F	M	
Informantes	3	3	3	3	3	3	3	3	<b>24</b>
Total textos	12		12		12		12		<b>48</b>

De forma a controlar algumas variáveis relacionadas com a tarefa de redação dos textos, foi necessário delimitar o tamanho médio dos textos, assim como o tipo de texto e os temas sobre os quais os informantes escrevem. Nesse sentido, sugeriu-se que o texto a redigir tivesse entre 180 e 250 palavras.

Para além das indicações relativas ao tamanho médio do texto a redigir, foi ainda pedido a cada informante que escolhesse dois temas da atualidade para desenvolver de oito disponíveis. Tendo em consideração os intervalos etários e os diferentes níveis de escolaridade dos informantes, tentou-se que os temas disponíveis fossem diversificados e sugestivos, tendo sido abrangidas, entre outras, temáticas políticas, sociais e culturais.

Apesar de se ter tentado uniformizar as tarefas, não foi possível controlar a influência que a acomodação ao requerente (seja ele o investigador ou o docente) possa ter na redação dos textos (veja-se Cheshire (1982) para os efeitos da acomodação na oralidade).

O *corpus A* (cf. Tabela 1) foi redigido maioritariamente em contexto escolar: no caso dos informantes mais novos, foi feito um pedido formal às direções de escola, no sentido de autorizarem a recolha de textos. No

caso dos informantes adultos, em alguns casos, a atividade de redação do texto decorreu na universidade, em turmas de preparação para os exames de acesso ao ensino superior a maiores de 23 anos. Noutros casos, a redação dos textos decorreu em escolas com ensino noturno para adultos ou em centros de formação. Por fim, alguns textos foram redigidos por amigos e familiares em contexto não escolar. Em todos os casos, os textos nunca foram assinados ou identificados. De qualquer modo, o inerente ambiente escolar associado à tarefa de redação poderá ter promovido o aumento da diversidade de estruturas através das quais as relações de causalidade são estabelecidas: o informante automonitoriza-se mais e tenta evitar a repetição de conectores e de estruturas sintáticas.

O *corpus* B (cf. Tabela 2) é constituído por 48 textos recolhidos em 24 blogues. Os blogues são um meio de comunicação digital cujo conteúdo é, normalmente, o reflexo da opinião pessoal ou dos interesses do seu autor (Herring *et al.*, 2005). Frequentemente, o conteúdo dos textos publicados é comentado e debatido. A linguagem, mesmo nos casos em que o blogue é um dos meios de comunicação de empresas ou instituições, tende a ser informal. Há, ainda, frequentemente a mistura do registo oral e escrito, assim como a citação ou transcrição de passagens de outros textos, razão pela qual os blogues são considerados um género *híbrido* (*Ibidem*). Os textos disponibilizados na blogosfera concentram, assim, características de diversas tipologias textuais, como o tipo expositivo-argumentativo e o narrativo. Para além disso, apresentam, em princípio, mais marcas da oralidade, pelo que se espera uma maior percentagem de atos de fala diretivos e expressivos neste *corpus*.

Para a constituição do *corpus* B não foi possível recolher uma amostra equilibrada de textos argumentativo-expositivos com a extensão pretendida redigidos por informantes não adultos e por informantes com escolaridade inferior ao secundário. Muitos dos textos eram curtos e continham longas sequências narrativas ou epistolares. Por essa razão, foi necessário restringir o *corpus* B a informantes adultos, com escolaridade ao nível do ensino secundário e superior. Os autores dos textos são informantes adultos, nativos do português europeu, estratificados de acordo com o nível de escolaridade, o intervalo etário e o género, como vemos na Tabela 2.

Em relação ao processo de recolha destes textos, não foi possível limitar o leque de temas abordados, apesar de se ter tido o cuidado de recolher textos sobre assuntos semelhantes *grosso modo*: decisões política, educação, saúde, sociedade.

## 2.2. Variáveis linguísticas

Neste trabalho, consideram-se as seguintes variáveis linguísticas: (i) configuração sintática, (ii) elemento de ligação que estabelece a relação de causalidade, e (iii) posição da oração adverbial na frase.

No que diz respeito à configuração sintática, é extenso o debate em torno da definição e limites das estruturas de justaposição, subordinação, coordenação, suplementação e anexação. Tendo em consideração comportamento sintático das estruturas, adotaram-se as propostas de Peres e Mascarenhas (2006) e de Lobo (2013). Veja-se, ainda, Aguiar e Barbosa (2016) para uma proposta de delimitação das estruturas de justaposição, subordinação, coordenação, suplementação e anexação.

## 2.3. Variáveis sociais

Neste trabalho foram analisadas as seguintes variáveis sociodemográficas: *o nível de escolaridade*, *o grupo etário* e *o gênero* do informante.

Para a análise da variável *nível de escolaridade*, optou-se por considerar todos os níveis de ensino: 1º Ciclo do Ensino Básico (1CEB), 2º Ciclo do Ensino Básico (2CEB) e 3º Ciclo do Ensino Básico (3CEB), Secundário e Superior. Como é possível depreender, alguns dos níveis de ensino são coincidentes com intervalos etários específicos, não tendo sido possível alargar a amostra a outros informantes. No caso dos informantes com escolaridade ao nível do 3CEB, secundário e superior, foi possível recolher textos de informantes com intervalos etários distintos.

A variável *nível de escolaridade* surge por vezes interligada com outras de teor social e económico, como o nível económico, a ocupação ou a classe social. Aliás, o nível de escolaridade é, juntamente com a profissão e o rendimento familiar, um dos aspetos a ser considerado no cálculo do *índice socioeconómico* (Labov, 1972, pp. 112-115) ou na descrição da variável *estratificação social*. Dada a sua complexidade, neste trabalho não será analisada a influência da variável classe social.

No caso específico da análise das relações de causalidade, a observação da influência desta variável é importante no sentido de verificar de que forma a educação formal poderá condicionar o uso de determinadas estruturas sintáticas em detrimento de outras, assim como a frequência de ocorrência de determinados elementos de ligação. Também a frequência de ocorrência do tipo de relação de causalidade estabelecido poderá estar relacionada com o nível de escolaridade do informante.

No que diz respeito à variável *idade*, não se assume que a (possível) variação observada na frequência de ocorrência das estruturas sintáticas possa ser interpretada como indício de uma mudança linguística. O que se pretende é observar de que forma a idade do falante, principalmente no caso dos informantes adultos, pode condicionar o tipo de estruturas que utiliza para veicular a relação de causalidade.

### 3. Resultados

No corpus A, foram codificadas 348 instâncias de relações de causalidade e, no corpus B, 190.

Tanto no *corpus A*, composto por textos redigidos a pedido, como no *corpus* de textos retirados de blogs, a maioria das relações de causalidade é do tipo explicativo (81,6%, correspondente a 284 ocorrências, e 66,8%, correspondente a 127 ocorrências, respetivamente) (cf. Gráfico 1).

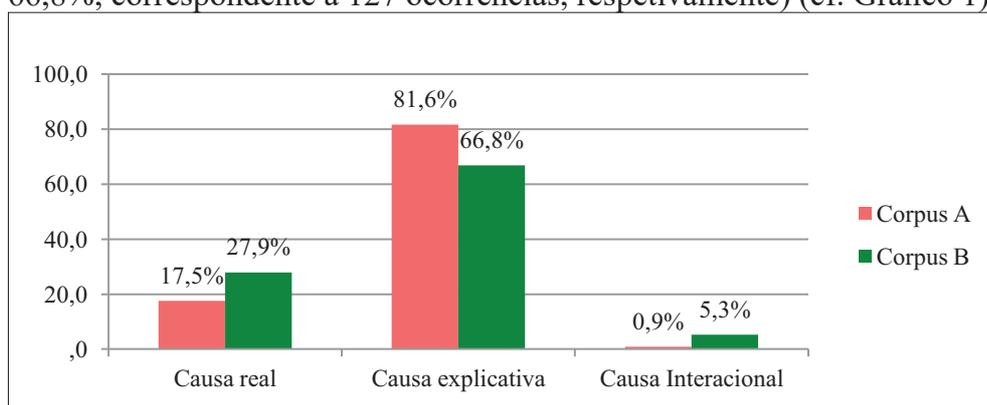


Gráfico 1- Percentagem de ocorrência das relações de causalidade nos dois *corpora*.

Esta preponderância de relações de causa explicativa em ambos os *corpora* é decorrente das características dos textos em análise. Em primeiro lugar, os textos com características expositivo-argumentativas tendem a favorecer a ocorrência de estruturas de causalidade (Alonso Belmonte, 2004). Em segundo lugar, as relações de causa interacional ocorrem principalmente no discurso oral, o que explica os valores observados nos textos retirados de blogs (3 ocorrências no corpus A e 10 ocorrências no corpus B). Finalmente, as relações de causa real (61 ocorrências no corpus A e 53 no corpus B) ocorrem, geralmente, em menor proporção do que as relações de causa explicativa.

No que diz respeito à estrutura sintática, verifica-se que, quer no corpus A quer no corpus B, as estruturas de suplementação, subordinação e justaposição constituem mais de 80% do total de estruturas (cf. Tabela 3).

Tabela 3 – Frequência das estruturas sintáticas nos dois corpora

Estrutura Sintática	Corpus A		Corpus B	
	N.	%	N.	%
Suplementação	143	<b>41,1%</b>	55	<b>28,9%</b>
Subordinação	91	<b>26,2%</b>	61	<b>32,1%</b>
Justaposição	71	20,4%	53	27,9%
Coordenação	23	6,6%	2	1,1%
Anexação	20	5,7%	19	10,0%
Total	348	100,0%	190	100,0%

Há, no entanto, alguns aspetos relativos à sua distribuição percentual que merecem destaque. Assim, no *corpus A*, a maioria das relações de causalidade é estabelecida através de uma estrutura suplementar (41,1%). Já nos textos retirados de blogues, a maioria das relações de causalidade é estabelecida através de uma estrutura subordinada (32,1%), sendo que as estruturas suplementares constituem, neste *corpus*, 28,9% do total de estruturas sintáticas.

Importa ainda referir a baixa frequência de estruturas coordenadas: 23 ocorrências no *corpus A*, correspondendo a 6,6% das ocorrências totais; e 2 ocorrências no *corpus B*, correspondendo a 1,1% do total de estruturas sintáticas que veiculam uma relação de causalidade. Também as estruturas anexas ocorrem em baixa frequência: 5,7% no *corpus A*, e 10,0% no *corpus B*.

Esta diferença de valores pode decorrer do género de texto ou das características não linguísticas da amostra. Como apontam Claridge e Walker (2001), o género textual pode influenciar a ocorrência de determinadas estruturas sintáticas e de determinados elementos de ligação em detrimento de outros. No que diz respeito às características não linguísticas, veja-se que os textos que constituem o *corpus A* foram redigidos por um espectro mais amplo de informantes, sendo que este *corpus* abrange mais grupos etários e mais níveis de escolaridade.

No que diz respeito à posição que as orações subordinadas ocupam, verifica-se que a posição final é a posição mais frequente (74,7% no *corpus* A e 86,9% no *corpus* B), na linha do descrito para o português (Paiva & Braga, 2006, entre outros).

Quanto à distribuição das relações de causalidade por género do falante, verifica-se que não há variação (cf. Gráfico 2 e Gráfico 3).

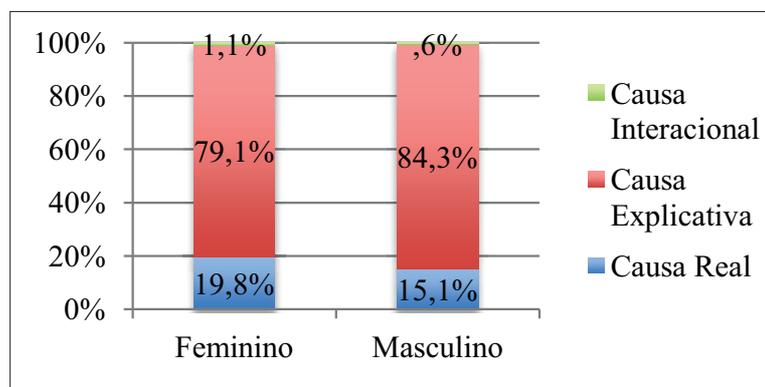


Gráfico 2 - *Corpus* A: percentagem de ocorrência das relações de causalidade por género do falante ( $\chi^2(2)= 1,641$ ,  $p= .440$ ).

Observando o Gráfico 2, vemos que, no *corpus* A, tanto os falantes do género feminino como os do género masculino exprimem mais frequentemente a relação de causa explicativa (79,1% e 84,3%, respetivamente). A percentagem de ocorrência da relação de causa interacional e da relação de causa real é idêntica nos textos redigidos por informantes do sexo feminino e do sexo masculino. Como tal, não foram encontradas evidências estatísticas que suportem a hipótese de que a ocorrência do tipo de relação de causalidade é influenciada pela variável género ( $\chi^2(2)= 1,641$ ,  $p= .440$ ).

O mesmo padrão é observado nos textos recolhidos em blogs. No conjunto destes textos, a causa explicativa ocorre com mais frequência, não havendo diferenças significativas na sua distribuição nos textos redigidos por homens e nos textos redigidos por mulheres (cf. Gráfico 3; 70,8% *versus* 62,8%).

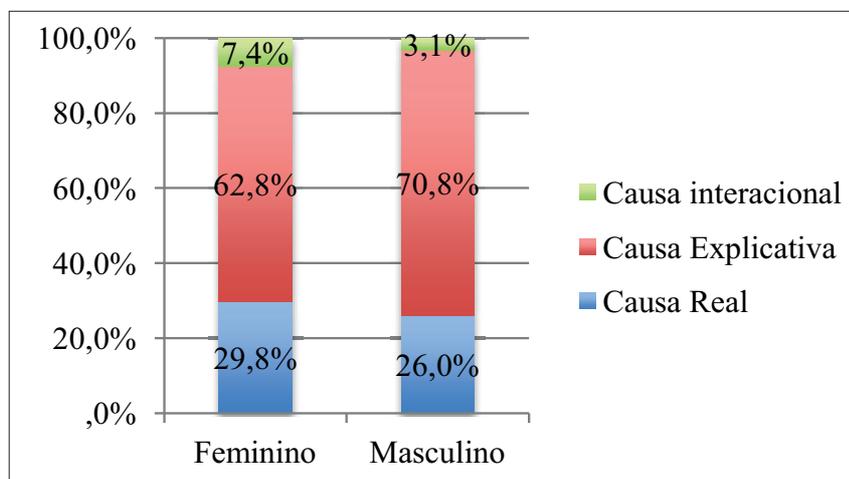


Gráfico 3 - *Corpus B*: percentagem de ocorrência das relações de causalidade por género do falante ( $\chi^2(2) = 2,387$ ,  $p = .303$ ).

A influência da variável escolaridade na ocorrência das estruturas de causalidade é clara, como ilustra o Gráfico 4.

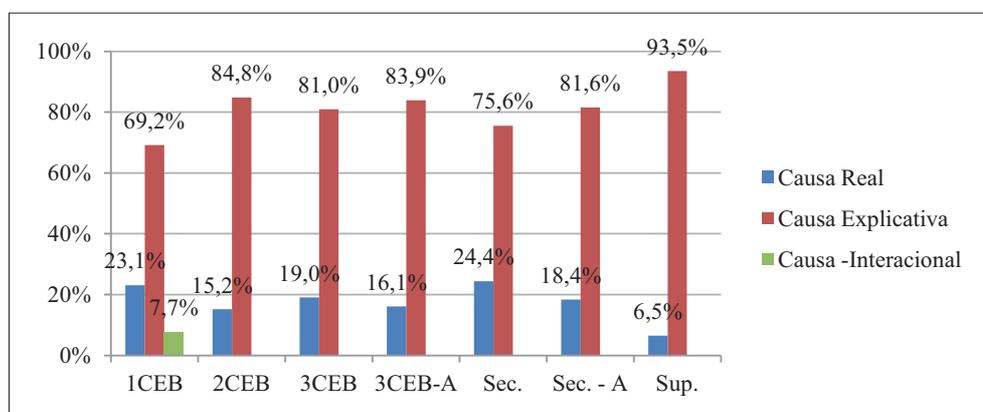


Gráfico 4 - *Corpus A*: Distribuição das relações de causalidade por nível de escolaridade do informante ( $\chi^2(12) = 30,938$ ,  $p = .002$ ).

Como podemos ver no Gráfico 4, verifica-se que, no *corpus A*, a diferença no uso de relações de causa explicativa em relação ao uso de causais reais é mais acentuada nos textos redigidos pelos os falantes mais escolarizados. Pelo contrário, o intervalo entre estes dois tipos de relações de causalidade é menor nos textos redigidos por informantes a frequentar o 1º

ciclo do ensino básico, e por informantes a frequentar o ensino secundário. Os valores elevados de causa real nos informantes com menos escolaridade podem ser explicados pelo facto de as relações de causa real serem processadas mais rapidamente que as de causa explicativa (Noordman & Blijzer, 2000). Pelo contrário, os informantes com mais escolaridade tendem a construir uma argumentação com base em processos inferenciais. No caso dos informantes detentores de um curso superior, a percentagem de ocorrência das relações de causa explicativa é de 93,5% contra 6,5% das relações de causa real. Verifica-se também que esta tendência poderá também ser influenciada pela variável *idade*, uma vez que, nos informantes adultos com o 3<sup>a</sup> ciclo do ensino básico, a distribuição percentual das relações de causalidade é semelhante à distribuição verificada nos falantes adultos com habilitações ao nível do secundário. A distribuição das relações de causalidade é semelhante, também, entre os informantes adolescentes que frequentam o 3<sup>CEB</sup> e o ensino secundário.

Outro dado importante surge nos textos redigidos por informantes com menos idade e com menos anos de escolaridade: as crianças a frequentar o 1<sup>o</sup> ciclo do ensino básico tendem a estabelecer um diálogo com o leitor.

(12) Nunca ponhas, o teu nome, onde vives, onde é a tua escola e o teu número de telefone, porque nunca sabes quem está do outro lado. Imagina que tu fazes um vídeo no Youtube, até aí tudo bem, mas no fim pões o teu nome e pões a morada, os homens que querem fazer mal às crianças vão e tiram o que lá está e vão a tua casa e roubam tudo o que está lá e mandam-te ameaças a dizer que nunca mais vais ver os teus pais ou mesmo a tua família. [Informante 3.2]

(13) Deves ter a atenção ao que escreves nas redes sociais. As redes sociais são muito perigosas, mas muito. Lembra-te nunca escrevas: o teu nome, a tua morada, o teu número de telemóvel, a tua escola. [Informante 3.2]

Nestes exemplos, é notório o uso do pronome de segunda pessoa do singular, assim como o uso de verbos na segunda pessoa do singular (*fazes*, *pões*, *escreves*). O facto de as crianças estabelecerem, ao longo do texto que redigem, mais frequentemente um diálogo com o leitor, potencia o estabelecimento de relações de causa interacional, como ilustra o exemplo seguinte:

- (14) As redes sociais são muito perigosas, mas muito. Lembra-te nunca escrevas: o teu nome, a tua morada, o teu número de telemóvel, a tua escola.

A presença de relações de causa interacional nos textos redigidos por crianças é o reflexo da fase de desenvolvimento do conhecimento da escrita em que estes informantes se encontram. Nesta fase, os textos redigidos são frequentemente centrados no próprio, evoluindo paulatinamente para textos mais orientados e regulados para uma audiência (Gouveia, 2013). É também nos textos redigidos por crianças que é mais frequente encontrarmos marcas da oralidade, uma vez que estes informantes se encontram na primeira fase de desenvolvimento da escrita (Christie & Derewianka, 2009) e frequentemente recorrem a padrões ou estruturas que utilizam na oralidade (Oliveira, 2011).

Outro aspeto a ter em consideração é a ocorrência de verbos epistémicos com o sujeito realizado. Sabe-se que o uso de verbos de cognição, como *pensar* ou *achar*, em estruturas de complementação, é desenvolvido durante o período pré-escolar (Diessel, 2004). Como tal, seria esperado registar uma maior percentagem destas estruturas nos textos dos falantes mais novos. Nos falantes mais velhos, esperar-se-ia encontrar expressões como *na minha opinião* ou expressões que remetessem para outrem, como *de acordo com...*, *no entender de...*, uma vez que estes falantes terão já expandido o leque de expressões estruturadoras de um texto de opinião.

De uma forma geral, as crianças e os jovens até ao 9º ano incluem informação pessoal nas suas narrativas (Coutinho, 2011). Verifica-se, de facto, que, no *corpus* A, os informantes mais novos e com menos escolaridade (a frequentar o 1CEB) são aqueles que mencionam informação pessoal ou fazem referências ao seu quotidiano com mais frequência. Nos textos dos falantes a frequentar o 2CEB e o 3CEB esta tendência não é tão notória.

Observem-se os seguintes exemplos:

- (15) A minha mãe não tem férias este ano porque está a trabalhar à coupo (sic) tempo na firma. Eu e os meus irmãos temos de ficar em casa, eu fico com a Jú e o meu irmão mais velho toma conta do mais pequeno mas também vamos para casa da avó. [Informante 1.1; a frequentar o 1CEB]
- (16) O meu primo é que é maluco, dá a morada certa, o nome certo e a casa. [Informante 5.1; a frequentar o 1CEB]

Em contraste, nos textos do *corpus A* redigidos por falantes adultos, há uma despersonalização do autor. Apesar de algumas marcas pessoais estarem presentes nestes textos, estas são mais frequentes nos textos de blogues.

Vimos, até aqui, que a distribuição das relações de causalidade no *corpus* de textos redigidos a pedido não é uniforme, havendo uma preponderância significativa de relações de causa explicativa nos informantes com habilitações superiores. No *corpus* de textos recolhidos em blogues, a diferença entre os dois grupos de falantes adultos não é significativa ( $\chi^2(2)=5,382$ ,  $p=.068$ ).

Estes dados revelam uma clara influência das características dos textos recolhidos: nos textos redigidos a pedido, a relação de causa interacional é mais frequente nos falantes mais novos; nos blogues, a relação de causa interacional é mais notória nos textos redigidos por informantes com mais escolaridade. Este contraste de resultados pode, assim, ser explicado pela (não) adequação dos informantes à tarefa de redação e às características dos textos produzidos. Os informantes mais novos dirigem-se ao leitor, na estruturação do texto, como mostram as marcas da oralidade, sinal de alguma (natural) imaturidade enquanto escritores. Em contraste, os informantes com mais escolaridade, ao redigirem um texto que será publicado num blogue, fazem uso do pressuposto de que o texto será lido, comentado e debatido. O uso de relações de causa interacional serve, assim, o propósito de convocar o outro.

Quando olhamos para a distribuição das relações de causalidade por intervalo etário, verificamos que, no *corpus A*, é nos grupos etários [11-12] e [ $> 40$ ] que há uma menor concentração de relações de causalidade. Ainda que de forma ténue, é no grupo etário [16-19] que foi registado um maior rácio de relações de causalidade. Já no *corpus B*, que inclui apenas textos redigidos por informantes adultos, é nos textos redigidos pelos informantes entre os 20 e os 40 anos que se verifica uma maior concentração das relações de causalidade.

A partir da leitura do Gráfico 5, podemos verificar que a distribuição das relações de causalidade não é uniforme de acordo com a faixa etária do informante.

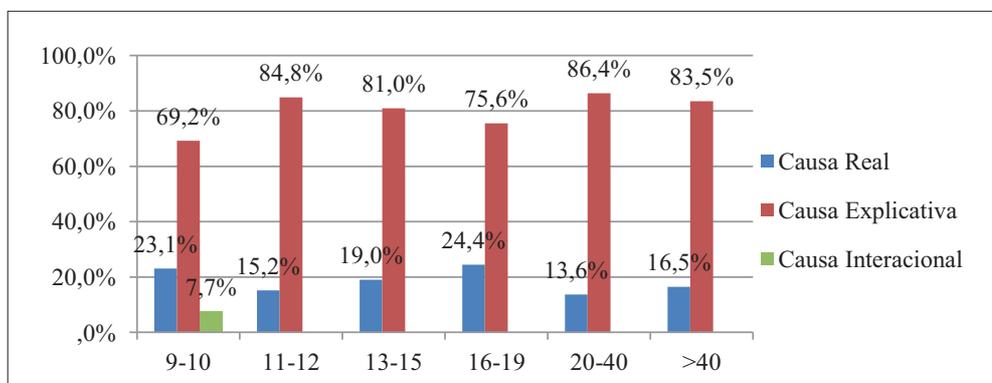


Gráfico 5– *Corpus A*: Distribuição das relações de causalidade por faixa etária ( $\chi^2(10)= 28,116$ ,  $p= .002$ ).

Mais especificamente, a relação de causa interacional ocorre apenas nos falantes com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos. Para além deste aspeto, nos textos redigidos por informantes mais novos a percentagem de ocorrência da relação de causa explicativa é significativamente inferior à percentagem de ocorrência da mesma relação de causalidade em informantes adultos. Este dado foi já aprofundado na secção 6.2.2. 1.

No que diz respeito à frequência de relações de causa real nos falantes mais novos, como realça Diessel (2004), na oralidade, as crianças começam por veicular relações de causa direta e só mais tarde desenvolvem a capacidade de abstração física e temporal que lhes permite estabelecer relações de causa explicativa. De acordo com os dados obtidos (cf. Gráfico 4), mesmo nos textos redigidos por informantes mais novos, a relação de causa explicativa é a mais predominante. No entanto, assistimos a um aumento da percentagem de ocorrência das relações de causa explicativa: nos textos redigidos por informantes entre os 9 e os 10 anos de idade é de 69,2% e, nos textos redigidos por informantes entre 11 e 12 anos, a percentagem de ocorrência de relações de causa explicativa sobe consideravelmente, fixando-se em 84,8%.

No *corpus B* não foram encontradas diferenças significativas entre as faixas etárias em análise ( $\chi^2(2)=2,233$ ,  $p= .327$ ). Regista-se apenas uma maior percentagem de relações de causa interacional nos informantes com idade compreendida entre os 20 e os 40 anos (7,3%).

## Conclusão

Os resultados da análise indicam que as variáveis *escolaridade* e a *idade* influenciam a ocorrência das relações de causalidade e dos mecanismos de conexão frásica. Assim, à medida que a idade e a escolaridade do informante aumentam, regista-se uma diminuição da causa real e um aumento da causa explicativa. Esta tendência encontra reflexo no facto de a capacidade de estabelecimento e processamento de processos inferenciais estar em desenvolvimento nos falantes mais novos (Noordman & Blijzer, 2000). Verificou-se, também, que a frequência de ocorrência de estruturas que prototipicamente estabelecem relações de causalidade é mais elevada nos falantes mais novos. Destacam-se as estruturas introduzidas por *porque*. Por outro lado, os falantes com um curso superior apresentam um maior domínio das estruturas sintáticas e, concomitantemente, uma maior predisposição para estabelecer essas relações sem recurso a elementos de ligação, deixando a cargo do leitor/receptor a tarefa de (re)construir a relação de causalidade.

Vimos que a *escolaridade* e a *idade* do informante influenciam a distribuição das relações de causalidade. Mais especificamente, à medida que a idade e a escolaridade do informante aumentam, regista-se um crescimento na ocorrência de relações de causa explicativa; concomitantemente, a percentagem de ocorrência de relações de causa real diminui. Esta tendência encontra reflexo no facto de a capacidade de estabelecimento e processamento de processos inferenciais estar ainda em desenvolvimento nos falantes mais novos (Noordman & Blijzer, 2000). A este propósito, convém mencionar que, nos textos redigidos por informantes adultos com escolaridade ao nível do 3º ciclo e do secundário, as relações de causa explicativa são mais frequentes do que nos textos redigidos por adolescentes com os mesmo níveis de escolaridade. Esta constatação parece indicar que, na distribuição das relações de causa explicativa, o nível de escolaridade é mais relevante do que a idade do informante. Outro indicador que suporta esta conclusão é a distribuição das relações de causalidade no *corpus B*, constituído apenas por falantes adultos. Nos textos recolhidos nos blogues, as relações de causa explicativa ocorrem mais frequentemente nos textos redigidos por informantes com um curso superior. Em suma, a variável *escolaridade*, nos falantes adultos, surge como um factor mais determinante na variação observada, em detrimento da variável *idade*.

Não foram encontradas evidências estatísticas que suportem a hipótese de o género do informante influenciar a distribuição do tipo de relação de

causalidade. Da mesma forma, não foram encontradas diferenças significativas na distribuição da posição da oração subordinada nos textos redigidos por informantes femininos e masculinos.

## Referências

- AGUIAR, J., & Barbosa, P. (2016). Establishing causal relations in European Portuguese: coordination and subordination in a stratified corpus. In F. Pratas, S. Pereira & C. Pinto. (Eds.), *Coordination/Subordination. Form and Meaning—Selected Papers from CSI* (pp. 1-22). Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- ALONSO BELMONTE, M. I. (2004). *La expresión de la opinión en el discurso escrito: un estudio de la estructura textual de la argumentación en el periodismo de opinión en Inglés*. PhD Thesis, Facultad de Filología - Universidad Complutense de Madrid.
- BLUM-KULKA, S.; House, J.; Kasper, G. (Eds.). (1989). *Cross-Cultural Pragmatics: Requests and Apologies*. Norwood, NJ: Ablex.
- BRAGA, M. L. (2001). Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. *SCRIPTA* 5 (9), 23-34.
- CHESHIRE, J. (1982). Linguistic variation and social function. In S. Romaine, (Org.) *Sociolinguistic variation in speech communities* (pp. 153-166). London: Edward Arnold.
- CHESHIRE, J. (2009). Syntactic variation and beyond. In N. Coupland & A. Jaworski (Orgs.) *The New Sociolinguistics Reader*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, pp. 119-135.
- CHRISTIE, F. & Derewianka, B. (2008). *School Discourse: Learning to Write across the Years of Schooling*. London: Continuum.
- CLARIDGE, C., & Walker, T. (2001). Causal clauses in written and speech genres in Early Modern English. *ICAME Journal: Computers in English Linguistics* 25, 31–63.
- COUTINHO, M.A. (2003). *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DIESSEL, H. (2004). *The acquisition of complex sentences*. Cambridge: CUP
- GOUVEIA, C. A. M. (2013). Writing development in Basic School Years in Portugal: Report on a Pilot Project. In Ferreura, J. C. V. et al. (Orgs.), *A Scholar for all Seasons - Homenagem a João de Almeida Flor* (pp. 209-222). Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa.
- HERRING, S., Scheidt, L. A., Bonus, S., Wright, E. (2005). Weblogs as a bridging genre. *Information, Technology & People* 18(2), 142–171.
- HOPPER, P. J., & Traugott, E. C. (2003). *Grammaticalization*. 2<sup>nd</sup> edition, Cambridge.
- LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LOBO, M. (2003). *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.

- LOBO, M. (2013). Subordinação adverbial. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura, A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português*, volume II (pp. 1981-2060). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LOPES, A. C. M. (2005). Texto e Coerência. *Revista Portuguesa de Humanidades* 9 (1/2), pp. 13-33.
- LOPES, A. C. M. (2009). Justification: a coherence relation. *Pragmatics*, 19 (2), 223-239.
- LOPES, A. C. M. (2012). Contributos para uma análise semântico-pragmática das causais de enunciação no português europeu contemporâneo. *Alfa* 56 (2), 451 - 468.
- LOPES, H. C. (2004) *Aspectos Sintáticos, Semânticos e Pragmáticos das Construções Causais. Contributo para uma Reflexão sobre o Ensino da Gramática*, Dissertação de Doutoramento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- NEVES, M. H. M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP.
- NOORDMAN, L. G. M., & Blijzer, F. (2000). On the processing of causal relations. In E. Couper-Kuhlen & B. Kortmann (Eds.) *Cause, Condition, Concession and Contrast. Cognitive and Discourse Perspectives* (pp. 35-56). New York: Mouton de Gruyter
- PAIVA, M. C. A., & Braga, M. L. (2010). Cláusulas causais introduzidas por porque: da sintaxe ao discurso. In: M. C. Mollica (Org.). *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana* (pp. 55-71). Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro.
- PAIVA, M. C. A., Braga, M. L. (2006). Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de por causa de. *Gragoatá* (UFF), v. 21, p. 57-84.
- PERES, J. A., & Mascarenhas, S. (2006). Notes on sentential connections (predominantly) in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 5, 113-169.
- SCHIFFRIN, D. (1987). *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SCHILLING-ESTES, N. (2002). Investigating stylistic variation. In J. C. Chambers, P. Trudgill, & N. Schilling-Estes (Eds.) *Handbook of Language Variation and Change* (pp. 375-401). Oxford: Blackwell Publishing.
- STUKKER N., & Sanders, T. (2011). Subjectivity and prototype structure in causal connectives: A cross-linguistic perspective. *Journal of Pragmatics*, 44(2), 169-190
- SWEETSER, E. (1990). *From etymology to pragmatics, Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

[Recebido em 28 de fevereiro de 2017 e aceite para publicação em 19 de março de 2017]